



## *Estratégias de (im)polidez em interações acadêmicas virtuais*

KAZUE SAITO MONTEIRO DE BARROS

Universidade Federal de Pernambuco

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

RESUMEN. El presente trabajo pretende discutir el concepto de cortesía desde una perspectiva interaccionista, utilizando, como base para la reflexión, datos de dos géneros académicos, aulas *chat* y listas de discusión. En contraposición con la posición común de los trabajos seminales sobre el tema, se postula que el análisis no debe fijarse en los enunciados, sino en los comportamientos de los interactantes, es decir, no es el enunciado el que es (des)cortés, sino que, mejor, son las personas las que interpretan los enunciados concibiéndolos como poseedores de diferentes grados de (des)cortesía. Por tanto, resulta fundamental intentar identificar los factores que influyen en las percepciones de los interlocutores con respecto al fenómeno, percepciones estas de carácter dinámico.

PALABRAS CLAVE: *(Des)cortesía; dominio discursivo; discurso académico.*

RESUMO. Este trabalho busca discutir o conceito de polidez a partir de uma perspectiva interacionista, utilizando, como base para a reflexão, dados de dois gêneros acadêmicos, aulas *chat* e listas de discussão. Contrapondo-se a uma postura comum nos trabalhos seminais sobre o tema, postula que a análise não deve fixar-se nos enunciados, mas nos comportamentos dos interactantes, isto é, não é o enunciado que é (im)polido, mas, antes, são as pessoas que interpretam os enunciados como tendo diferentes graus de polidez. Assim, é fundamental tentar identificar os fatores que influenciam as percepções, percepções essas que são dinâmicas, dos interlocutores a respeito do fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: *(Im)polidez; domínio discursivo; discurso acadêmico.*

ABSTRACT. This paper aims to discuss the concept of politeness from an interactional perspective, using, as a basis for reflection, data from two academic genres, chat lessons and discussion lists. Opposing to the common posture derived from seminal works on the theme, we postulate that the analysis should not be limited to the utterance level. It should consider the behavior of those who are interacting, i.e. it isn't the utterance that is (im)polite, but the people who interpret the utterances as having differing degrees of politeness. This means that it is vital to try to identify the factors that influence the dynamic perceptions of the interlocutors about the phenomenon.

KEY WORDS: *(Im)politeness; discourse domain; academic discourse.*

## *Introdução: pano de fundo e delimitação do tema*

Este trabalho insere-se no contexto de um projeto de pesquisa maior, que busca identificar as características fundamentais do *domínio científico* (também chamado de *esfera de circulação científica*) do através da comparação sistemática dos gêneros que o constituem. Metodologicamente, a análise implica diferentes perspectivas de observação, com foco, primeiro, nas características textuais, de natureza interna ao texto; segundo, nas características referentes à situação, observando relações entre comportamento linguístico e as peculiaridades do evento comunicativo; terceiro, na funcionalidade. É também procedimento metodológico da pesquisa observar um mesmo fenômeno, no caso a (im)polidez, de forma transversal nos gêneros identificados como pertencendo ao domínio científico e que podem, também, ser contrastados com gêneros afins fora da esfera científica – é nesse contexto que o presente trabalho deve ser visto.

Mais do que apresentar resultados descritivos, o foco central está na discussão do conceito de polidez, evidenciando que situações de conciliação e conflito são resultantes de julgamentos que os interactantes fazem sobre a adequação social de certos enunciados: não é o enunciado que é polido ou não (Fraser & Nolan, 1981); são as pessoas que interpretam os enunciados como tendo diferentes graus de (im)polidez ou seja, trata-se de um processo inferencial. Assim, é de fundamental importância tentar identificar as bases dessas percepções.

Num primeiro momento, vamos nos reportar às formas como o termo *polidez* foi tratado em trabalhos seminais da área, identificando os problemas centrais das definições. Uma das principais críticas é o fato do conceito ser visto em termos absolutos e abstratos. Em seguida, observamos alguns dados de dois gêneros próximos – aulas do tipo *chat* e listas de discussão – que vão sustentar, embora de forma limitada pela escassez da amostra, a postura de que o conceito deve ser interpretado numa perspectiva mais interacionista e ancorar o conceito de (im)polidez adotado. Sugere-se que os julgamentos dos interlocutores sobre o fenômeno são sensíveis às interpretações do gênero.

## *O conceito de (im)polidez na literatura*

O emprego do conceito de (im)polidez como forma de explicar variações de comportamentos em interações face a face não é novo. Na Linguística, a discussão ganhou mais força desde o trabalho seminal de Brown & Levinson (1987), que propõem uma explicação em termos do trabalho de construção da *face* dos interlocutores. Os últimos vinte anos testemunharam uma série de críticas ao modelo desses autores, principalmente por seu caráter abstrato e não-situado. Em decorrência, sugeriu-se que outras formas de olhar a questão deveriam ser buscadas, especialmente para dar conta dos novos modelos de

comunicação. A área se expandiu de forma substantiva e, já em 2003, Watts (2003) contabilizou mais de mil e duzentos títulos sobre o assunto. Em 2005, foi fundado um periódico exclusivamente voltado para a questão, o *Journal of Politeness Research*. Mas, não obstante a quantidade de trabalhos relevantes sobre o assunto, ainda se pode dizer que o tema está longe de ser esgotado, já que não se avançou muito nas discussões sobre a *natureza* do fenômeno. Tampouco temos clareza sobre como incorporar as inúmeras objeções dos críticos a um modelo de análise da (im)polidez.

O trabalho de Brown & Levinson (1987) sustenta existir uma ligação estreita entre as dimensões macro de interação social e as formas como as pessoas se dirigem umas às outras, situando, assim, o fenômeno da polidez na interface entre processos lingüísticos, sociais e cognitivos. Os autores fazem uma distinção entre *face positiva*, vista como, na relação com o outro, o desejo de apreciação e aprovação da imagem própria; e *face negativa*, definida como o desejo de preservação básica de territórios e reservas pessoais, ou ainda, como a busca pelo direito à liberdade de ação e à liberdade contra a imposição.

Os autores postulam que as normas de polidez são governadas por questões que envolvem a face: alguns atos ilocucionários são atos de ameaça à face (Face Threatening Acts – FTA) e, no momento de sua atualização, os falantes devem buscar estratégias de atenuação para que as regras de polidez não sejam violadas.

Esta afirmação dá margem a uma das críticas mais constantes ao modelo de Brown & Levinson (1987), a saber, a de que se trata mais de uma teoria da *mitigação* do que propriamente de uma teoria da polidez. E polidez, argumentam Locher & Watts (2005: 160), “não pode ser simplesmente igualada a atos de mitigação de ameaça a face porque a polidez é um conceito discursivo”. Em consequência, o que é (im)polido não é passível de ser previsto pelos analistas que devem, ao contrário, observar a negociação entre os interlocutores para a definição dos enunciados. Somando-se a outros críticos, os autores também condenam, na teoria de Brown & Levinson, a visão dicotômica entre o polido e o impolido, ou seja, a falta de consideração da existência de níveis de (im)polidez.

Eles vêem a polidez como um sistema complexo para mitigar os atos de ameaça à fala e fazem uma distinção somente entre comportamentos impolidos e polidos. A escala de suas estratégias implica que os interactantes podem escolher entre se apresentarem como mais polidos ou menos polidos ou, ao contrário, impolidos. Entretanto, Brown e Levinson (1987) não discutem a distinção como um trabalho relacional dentro de um comportamento político / apropriado, o que consideramos crucial para a compreensão da polidez (Locher & Watts, 2005: 13).

Outro marco na teoria de polidez, Leech (1983) também é criticado pela perspectiva do “absoluto” (Spencer-Oatey, 2005: 97). Leech identifica, em

analogia ao Princípio Colaborativo griceano, um Princípio Comum da Polidez que, segundo sustenta, influencia os padrões de comportamento humano no sentido de manter *concordância comunicativa* e evitar *discordância comunicativa* ou ofensa. A existência deste princípio fica evidente pela realização de atos como pedidos, ofertas, cumprimentos, pedidos de desculpas, agradecimentos e nas respostas a estes atos.

De acordo com o Princípio Comum da Polidez, para ser polido, um falante geralmente comunica sentidos que (a) atribuem grande valor ao que está relacionado ao interlocutor e (b) atribuem baixo valor ao que se relaciona a si próprio (Leech, 2005). Com base neste princípio, Leech (1983) identifica uma série de máximas, tais como a Máxima do Tato (minimize custo para o outro, maximize benefício para o outro) e a Máxima da Aprovação (minimize depreciação ao outro; maximize enaltecimento ao outro), sugerindo que a aplicação das regras implica, automaticamente, aplicação de polidez.

Autores têm contestado que muitos dos atos categorizados por Leech como atos de ameaça à face não podem ser definidos como tais (Spencer-Oatey, 2000) e que tanto as máximas de Leech quanto o modelo de Brown & Levinson baseiam-se em comportamentos de culturas ocidentais. Esta visão do recorte ocidental é questionada em várias frentes e a principal delas é a de que a definição de polidez negativa em termos da face negativa e positiva reflete uma visão anglo-americana da supremacia dos desejos individuais em detrimento do coletivo.

De acordo com Brown & Levinson (1987), a face negativa é vista como o desejo de cada membro adulto de uma sociedade que suas ações não sejam impedidas por outros e a face positiva como o desejo de cada membro de que suas vontades sejam desejadas por pelo menos alguns outros. Os críticos têm apontado que o foco no individual, embora possa refletir a competitiva cultura ocidental, não se adequa aos padrões do oriente, especificamente China e Japão (Gu, 1990; Mao, 1994; Ide, 1993; Wierzbicka, [1991] 2003), uma vez que esses países têm um forte senso de identidade coletiva. Assim, os críticos argumentam tanto a teoria das faces de Brown e Levinson (1987) quanto as máximas de Leech (1983) não podem ser vistas como *universals of politeness* ou *universal maxims of conversation*, como sugerem os títulos de seus trabalhos seminais (cf, por exemplo, Wierzbicka, [1991] 2003).

Mais recentemente, Leech (2005) pareceu disposto a rever (ou esclarecer) partes de suas posições iniciais. Em final de 2005, abordou o tema da diferença entre polidez no ocidente e oriente em comunicação realizada em Shanghai e afirmou não postular a existência de princípios universais. No entanto, o autor não reconhece a crítica da diferença entre polidez no oriente e ocidente. Logo no início de sua conferência de título *Politeness: Is there an East-West Divide?* –, o autor se posiciona:

Nesse estágio, então, posso adiantar minha resposta à questão colocada no meu título: não, não há uma divisão absoluta entre Oriente e Ocidente em termos de polidez. Considere os conceitos de “cultura coletiva, de grupo” (oriente) e “cultura individualista, igualitária” (ocidente). Estes não são conceitos absolutos: são posições numa escala. Toda comunicação polida implica que o falante está levando em consideração ambos os valores individuais e de grupo. No oriente, os valores de grupo são mais poderosos, enquanto no ocidente, são os valores individuais que predominam. (Leech, 2005: 3)

Leech também contra-ataca a perspectiva da *polidez relativa*, que postula (veja, por exemplo, Wierzbicka ([1991] 2003) que a polidez deve ser observada em relação às normas de uma dada sociedade, um dado grupo ou uma dada situação, argumentando que tal perspectiva está baseada em pressupostos bastante frágeis. Diz ele por ocasião do lançamento da revista *Journal of Politeness Research*.

Vamos tomar, como outra falsa dicotomia, a distinção entre “universalismo” (a posição adotada por B & L) e “relativismo” (a posição adotada por Wierzbicka). Uma posição universalista absoluta é claramente inatingível: os estudos dos últimos vinte anos tornam óbvio que a polidez se manifesta de diferentes formas em diferentes culturas. Por outro lado, uma posição completamente relativista é igualmente inatingível. Se não existem padrões comuns compartilhados por diferentes línguas / culturas, não faria sentido aplicar uma palavra como “polidez” ou “face” a diferentes culturas e a idéia de se criar um *Journal of Politeness Research* seria absurda. (Leech, 2005: 4)

Resumindo, a principal crítica aos modelos tanto de Brown e Levinson (1987) quanto de Leech parece ser a de que são modelos abstratos, com isso entendendo, principalmente, que a análise deve considerar elementos da cultura do grupo, isto é o contexto situacional. Paralelamente, a postulação de que a (im)polidez ancora-se na interpretação que os sujeitos fazem dos enunciados implica que a análise tem que buscar, necessariamente, uma perspectiva mais interacionista – embora ainda não se tenha na literatura parâmetros claros para a análise da (im)polidez de forma mais interativa.

### *A polidez como processo inferencial*

Exemplo 1: *chat*<sup>2</sup>

01. (11:00:26) CL fala para todos: Prof. W vc disse q ia precisar de fermentados ... Com algumas latasde cerveja as coisas ficaram diferentes... he he he
02. (11:00:33) MB: Entrou na sala
03. (11:00:47) S: Entrou na sala
04. (11:00:51) W fala para todos: Não vejo a graça diiso. Isso aqui e uma discussao seria, não é coisa de moleque.

05. (11:01:19) SA : Entrou na sala
06. (11:01:22) moderador fala p todos: Gostaria de pedir que as perguntas ao prof. W fossem encaminhadas ao moderador. Obrigada!
07. (11:02:16) CL fala para todos: Séria? Vossa Excia ta me parecendo meio borracho...
08. (11:02:17) moderador fala p todos: As perguntas p/ o moderador precisam ser enviadas no reservado. Obrigada!
09. (11:03:56) CL: Saiu da sala....
10. (11:04:07) B fala para todos: Bom dia Dr. W
11. (11:04:21) SA fala para todos: W qual a maior dificuldade q vc achou na sua passagem pela França?
12. (11:05:04) C : Entrou na sala
13. (11:05:30) G: Entrou na sala
14. (11:06:16) B fala para moderador: essa coisa de enviar as perguntas no reservado não atrapalha um pouco o entendimento da resposta por parte dos outros participantes do chat?

(Fonte: Núcleo de Estudos sobre a Língua Falada e Escrita – NELFE)

Trata-se de um bate papo sobre gastronomia. O convidado principal, W, é de origem mexicana e aqui fala de sua ampla experiência como *chef* em alguns países do exterior. É, por ocasião da coleta, professor numa universidade americana. Visto isoladamente, o enunciado (linha 01) que desencadeia o conflito (linha 04) não poderia ser considerado como um ato de ameaça à face (FTA), no sentido de Brown & Levinson (1987), principalmente pelo “tom” de brincadeira, aliás explicitado pela indicação de riso (linha 01). Mas a adoção de uma perspectiva interacionista implica –como dissemos– considerar que a interpretação do enunciado não cabe ao analista; antes, que o analista deve se apoiar na reação do interactante para suas classificações. A tarefa do analista passa a ser, então, tentar interpretar as bases das percepções dos interlocutores, percepções essas que são dinâmicas e não diretamente vinculadas ao enunciado.

O problema de interpretação de W (linha 04) não tem base cultural, no sentido de estar relacionado com uma comunidade ampla (como na velha discussão sobre diferentes percepções entre oriente e ocidente). Mas, antes, parece sensível a expectativas comportamentais em termos das leituras diferenciadas a respeito da *atividade* da qual fazem parte: CL parece interpretar o evento como um simples *chat*: usa abreviatura (vc) e expressões próprias desse gênero (*he he he*). Percebe a interação como sendo entre iguais: a reação de W (linha 07) é vista como esnobismo: ironicamente, CL chama W de *Vossa Excia* (linha 07) e indica que ele tem problemas de compreensão (“está borracho”, linha 07). Por outro lado, W (linha 04) se coloca numa posição supe-

rior, de convidado e especialista no assunto. Deixa claro como quer que a situação seja vista, como *discussão séria* e não como *coisa de moleque* (linha 04). Talvez por serem neófitos, os interactantes não parecem compartilhar percepções a respeito das normas e protocolos do gênero em questão.

Parece ser produtiva a categoria *expectativas de comportamento*, proposta por Spencer-Oatey (2005) como sendo um dos elementos para classificação das percepções de intimidade e simpatia que vão, em por sua vez, influenciar a percepção de comportamentos (im)polidos. A autora acrescenta que as expectativas de comportamento são governadas por duas regras superiores, e uma delas é o *princípio da equidade*. Explicita ela:

[...] de acordo com o princípio da equidade, as pessoas têm uma crença fundamental de que devem ter consideração pessoal dos outros e devem ser tratados de forma correta; em outras palavras, que eles não recebam imposições, que não recebam ordens de forma não justa e que não sejam explorados. (Spencer-Oatey, 2005: 100)

Embora tanto a categoria expectativas de comportamento quanto um dos princípios que governa, o princípio da equidade, tenham semelhanças, respectivamente, com implicações contidas no conceito de *frame*, amplamente adotado por autores de vertentes sociointeracionistas<sup>3</sup> e as máximas de Leech (2003), parecem dar conta das percepções dos interactantes, vistos na sua individualidade e na relação um com o outro. De especial interesse seria aqui, então, o jogo dos papéis que os envolvidos vão negociando ao longo da interação.

#### Exemplo 2: aula *chat*

01. A e E para TODOS as 10:22:56 em 3-abr-2000:  
Gente que isso? vcs tão discutindo sobre o que?

---

02. I e A T. para TODOS as 10:23:8 em 3-abr-2000:  
Infidelidade

---

03. j m para TODOS as 10:23:10 em 3-abr-2000:  
Achamos que o ciúme está atrelado a traição.

---

04. N e G para A e E as 10:23:55 em 3-abr-2000:  
A traição e fidelidade.

---

05. L para TODOS as 10:24:17 em 3-abr-2000:  
Oeee o assunto é traição!!

---

06. I e A T. para TODOS as 10:24:42 em 3-abr-2000:  
Peraih, q isso ciume nao tem a ver com nacionalidade nao!!!

---

07. A e E para TODOS as 10:24:50 em 3-abr-2000:  
Ah tah bom!!!
- 
08. L para TODOS as 10:25:45 em 3-abr-2000:  
essa idéia de machismo já esta ultrapassada
- 
09. PA para S F as 10:25:55 em 3-abr-2000:  
ae sui tá ficando experiente no assunto
- 
10. M e I para L as 10:26:21 em 3-abr-2000:  
Voce é muito machista sabia?
- 
11. l\_e\_r para k as 10:26:44 em 3-abr-2000:  
se identificou foi karla???
- 
12. S F para L eV as 10:27:16 em 3-abr-2000:  
ultrapassada?? ta nada... da uma olhada ao teu redor... me diz quem é que está  
nua em todos os lugares? porque homem nuné «feio» e mulher nua é «bonita»?  
(Fonte: Núcleo de Estudos sobre a Língua Falada e Escrita – NELFE)

No extrato de aula *chat* transcrito no Exemplo 2, vários alunos discutem uma matéria de revista semanal sobre traição e o livro Dom Casmurro. O professor praticamente não participa do debate. Vários enunciados podem ser vistos como atos de ameaça à face em potencial, capazes de gerar situações de conflitos.

Na linha 01, A e E chamam a atenção dos colegas para a inadequação do tópico em pauta: *gente que isso? Vcs estão discutindo sobre o que?* Em outro contexto que não o de aula, este enunciado seria sentido como uma admoestação forte; no entanto, os colegas não parecem incomodar-se, respondendo direta e tranqüilamente (linhas 02 e 04). Na linha 03, jm chega mesmo a justificar o desvio do tópico central. Dois minutos depois, L repete a reclamação (linha 05) sobre o desvio do tópico.

Nas linhas 06 e 08, alguns alunos contestam de forma categórica a afirmação ou a posição de outros – mesmo dirigindo-se a “TODOS” -, sem geração de conflito. Na linha 07, A e E, com cinismo, demonstram que consideram pouco inteligente a posição de colegas. Os enunciados da linha 09, 10 e 11 podem ser considerados até mesmo bastante ofensivos, dirigidos a interlocutores definidos: PA, dirigindo-se a Suzana, sugere que ela é experiente quando o assunto é *traição* (linha 09); M e I acusam o colega Leandro de *machista* (linha 10); l e r, na linha 11, insinua que Karla se identifica com traidores.

Assim, enunciados e comportamentos que, em outros contextos, poderiam ser vistos como altamente ofensivos são aqui relevados e, aparentemente, vistos como naturais. A percepção do grupo explica-se pela atividade ou

gênero textual: numa aula, presencial ou virtual, há sempre uma *agenda* pré-estabelecida, que precisa ser cumprida. Se no exemplo do *chat* (Exemplo 1) as pessoas se viam enquanto indivíduos discutindo um tema, que precisavam defender suas posições, aqui há um forte sentimento de grupo, de indivíduos que, colaborativamente, precisam dar conta de uma certa tarefa para, entre outras coisas, ser bem avaliado pelo professor. Somando-se ao *princípio da equidade*, um outro, o do **envolvimento**, poderia ser sugerido como condicionando a *estrutura da percepção do comportamento* acerca que (im)polido. A *face*, como é reconhecido por vários autores, tem um caráter individual, mas também pode ser vista como um fenômeno de grupo.

### Exemplo 3: aula presencial

- 1 P: da ol:fação (.) da visão (.) da visão também  
 2 A1: a minha tia//  
 3 P: PALADAR (.) tá / GOSTO ...  
 4 fica a lentezinha passa por uma série de processos processos ....  
 5 A1: TIA minha tia//  
 6 P: muito SOFISTICADOS (.) complicadíssimos (.) .....  
 7 fica presa a uma armação  
 8 [reta ela FICA EM CONTATO  
 9 A1: [a minha prima TI:A min//  
 10 P: + presta atenção ao que tô falando + ela fica em  
 11 contato direto... viu joca / não conversa não .....  
 12 A1: tia (.) minha prima e minha tia//  
 13 P: depois a gente conversa patricia que a aula tá terminando  
 14 já passou meu tempo e eu preciso falar isso  
 15 diga george  
 16 A2: é aquela lente que fica dentro do olho é?  
 17 P: i:sso  
 18 A1: justamente  
 19 P: em contato direto com o globo ocular (ainda para A2)  
 20 A1: o globo ocular  
 21 quer dizer (.) não dói não né?  
 22 minha prima e minha tia usam

(Fonte: Núcleo de Estudos sobre a Língua Falada e Escrita – NELFE)

No Exemplo 3, um extrato de aula presencial, a professora explica os sentidos e os órgãos dos sentidos. A1 tenta fazer contribuições por várias vezes, mas a professora lança mão de estratégias para manutenção de seu turno, como elevar o tom de voz (linhas 03, 06, 08). Na linha 10, adverte a menina de forma incisiva: *preste atenção ao que to falando*. A menina não desiste e é novamente advertida pela professora, dessa vez de forma mais conciliadora (linha 13 e 14), quando a professora ignora Patrícia, mas dá o turno a George (linha 15). Somente aprimorando sua tática de interrupção, a meni-

na consegue o turno. Usa *justamente* (linha 18) que, além de indicar uma continuidade, aqui corresponde ao *isso* da professora (linha 17), sinalizando uma identidade de ações entre seu comportamento e o da professora. Também usa a repetição da fala da professora (linha 19), além do marcador *quer dizer* (linha 21) –que é usado como indício de continuação de tópico (insinuando algo como “vou parafrasear o que disse”) para, inversamente, introduzir uma digressão.

Há um enunciado impolido na linha 10, mas a face de Patrícia fica mais ameaçada por um fenômeno conversacional, o da interrupção ou da ignorância de suas tentativas de obtenção de turno. Patrícia, no entanto, não se ofende com o comportamento da professora e insiste. Como no exemplo anterior, é uma situação de aula e cabe ao professor a condução da interação para o cumprimento do objetivo final, qual seja o de construir conhecimento. Em outras palavras, a funcionalidade tem papel relevante na percepção do (im)polido.

Concluindo, pela observação do primeiro exemplo, viu-se que a análise da (im)polidez deve observar aspectos envolvidos na interação um a um, em que as identidades vão sendo construídas interativamente. Com o segundo, pode-se perceber que a análise deve também incluir aspectos do evento em si. Neste último exemplo, observa-se, como dissemos, que a funcionalidade precisa ser incorporada à investigação. Daí a postura metodológica, explicitada logo no início deste trabalho, que é adotada na pesquisa: para maior produtividade, a análise da (im)polidez (e de outros fenômenos) deve privilegiar diferentes níveis de observação. Só assim, postula-se, o estudo assume uma visão de texto como *atividade*. Estes são alguns dos pressupostos teóricos e metodológicos gerais que, embora não estejam aqui detalhados, embasam o presente trabalho.

Com base na discussão aqui desenvolvida, entende-se o conceito de (im)polidez como um *processo inferencial* ou, assumindo parte da definição de Spencer-Oatey,

[...] como os julgamentos subjetivos que as pessoas fazem sobre a adequação social de comportamentos verbais e não-verbais. Em outras palavras, não é o comportamento em si que é polido, político [...] ou (im)polido; antes, a (im)polidez é um rótulo avaliativo que as pessoas agregam ao comportamento, como resultado de seus julgamentos subjetivos sobre a adequação social. (Spencer-Oatey, 2005: 97).

Os julgamentos são sensíveis às percepções que os interlocutores têm do evento do qual tomam parte, e que geram *expectativas de comportamento*. As expectativas são governadas por, pelo menos, *dois princípios, o da equidade e o do envolvimento*. O conceito de (im)polidez é usado como um termo guarda-chuva que cobre todos os tipos de significados avaliativos, do mais afetuoso ao rude. Tais significados podem ter conotações positivas, negati-

vas ou neutras e os julgamentos têm influência impactante nas percepções dos indivíduos acerca das relações sociais e da harmonia / desarmonia que existe entre eles.

## NOTAS

- 1 Agradecemos ao autor pelo envio de sua conferência em sua versão mimeo, antes mesmo de sua publicação.
- 2 Os sinais utilizados nos exemplos significam: parte do texto foi omitido; (.) pausa; // interrupção brusca de fala; CAIXA ALTA tom mais alto; [ sobreposição de falas; ti:a alongamento de vogal.
- 3 A partir de vários autores tais como Bateson (1972), Goffman (1974), Gumperz (1977), Tannen & Wallat (1987).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATESON, G. (1972). 'A theory of play and fantasy?', in: G. Bateson *Steps to an Ecology of Mind*, pp. 177-193. New York: Chandler.
- BROWN, P. & LEVINSON, S. (1987). *Politeness. Some Universals in Language Usage*. Cambridge: CUP.
- FRASER, B. & NOLAN, W. (1981). 'The association of deference with linguistic forma', in: J. Walters (ed.) *The Sociolinguistics of Deference and Politeness*, pp. 93 - 109. The Hague: Mouton.
- GOFFMAN, E. (1974). *Frame Analysis*. New York: Harper & Row.
- GUMPERZ, J.J. (1977). 'Sociocultural knowledge in conversation inference', in: M. Saille-Troike (ed.), *Linguistics and Anthropology. Georgetown Round Table on Languages and Linguistics*, pp.191-211. Washington, DC: Georgetown University Press.
- GU, Y. (1990). 'Politeness phenomena in modern Chinese', *Journal of Pragmatics*, 14 (2): 237 - 257.
- IDE, S. (1993). 'Formal forms and discernment: two neglected aspects of universals of linguistics politeness', *Multilingua*, 8 (2/3): 223 - 248.
- LEECH, G. (1983). *Principles of Pragmatics*. London: Longman.
- LEECH, G. (2005). 'Politeness: Is there an East-West Divide?', *Journal of Foreign Language*, 6: 1004 - 5139.
- LOCHER, M. & WATTS, R. (2005). 'Politeness theory and relational work', *Journal of Politeness Research*, 1: 9 - 33.
- MAO, L.R. (1994). 'Beyond politeness theory: "Face" revisited and renewed', *Journal of Pragmatics*, 21: 403 - 426.
- SPENCER-OATEY, H. (2000) 'Rapport management: A framework for analysis', in: H. Spencer-Oatey (ed.) *Culturally Speaking. Managing Rapport through Talk across Cultures*, pp. 11 - 46. London: Continuum.

- SPENCER-OATEY, H. (2005). '(Im)politeness, face and perceptions of rapport: Unpackaging their bases and interrelationships', *Journal of Politeness Research*, 1: 95 -119.
- TANNEN, D. e WALLAT, C. (1987). 'Interactive frames and knowledge schemas in interaction: Examples from a medical examination / interview', *Social Psychology Quarterly* 50, 2: 205-216.
- WATTS, R. (2003). *Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press.
- WIERZBICKA, A. ([1991] 2003). *Cross-cultural Pragmatics: the Semantics of Human Interaction*. Berlin: Mouton.

KAZUE SAITO MONTEIRO DE BARROS possui doutorado em *Language and Linguistics* pela University Essex, U.K. (1991). É professora da Universidade Federal de Pernambuco, pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), membro da Câmara de Pesquisa da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE) e editora da Revista *Investigações: Lingüística e Teoria Literária* (UFPE). Faz parte do *Núcleo de Estudos Lingüísticos da Fala e da Escrita*, criado por Luiz Antônio Marcuschi no início dos anos noventa. Atua, principalmente, nos seguintes temas: discurso científico e pedagógico, interação verbal, produção textual e aulas virtuais.  
e-mail: kazuesaito@uol.com.br